

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA QUESTÃO DE ESPAÇO E TEMPO

Jonílio ORLANDO*

Colegas participantes desse seminário:

Após 5 anos de estudos acadêmicos, necessários para a obtenção do grau de mestre nessa Universidade, certifiquei-me da necessidade de vivências e experiências no campo onde predominam as relações humanas, principalmente as educacionais.

Durante o exercício profissional, de quase 30 anos, nos mais diversos campos da educação física escolar ou não, chegamos ao ponto de contribuir para a solução de grave problema educacional. Neste momento nos limitaremos às conclusões quanto à educação física escolar.

Buscamos na análise das lições, dos artigos e determinações oficiais divulgadas pela *Revista de Ensino e Anuários*, publicações de associação de classe e governo do Estado de São Paulo no início do século XX, as razões estruturantes desta educação física atual, em relação aos seus objetivos declarados e as condições de espaço e tempo reais para atingí-los.

A educação física em nossas escolas públicas nunca foi satisfatória. Quase nada se fazia em benefício do desenvolvimento físico das crianças. Tivemos inspetores especializados para a matéria, mandou-se vir instrutores europeus, organizou-se associações para-escolares, porém não se encontrou o caminho certo.

Com a criação do Departamento de Educação Física e de uma escola de educação física destinada a formar professores para os estabelecimentos de ensino, na década de trinta, resolveu-se encaminhar o problema para uma boa solução.

Encontrou-se o caminho, porém, apenas pela metade, tal qual hoje propomos como denominação da área, despreparo profissional, desmotivações, conceitos de sub-área e questões curriculares, busca de um método, etc. A outra metade que se supõe consistir em criar os lugares nas escolas com tempo suficiente de atividades parece nunca ter sido conseguida, ensejando a proposição de inúmeros projetos, que se concebe como grave erro de administração: filiá-los a outra repartição e sujeitá-los a orientação que não a da direção escolar.

Assistiu-se a educação física sendo privilégio quase exclusivo das classes abastadas nos colégios particulares e nos clubes de esportes.

Nas escolas públicas no início do século, em horas verdadeiramente impróprias devido aos desdobramentos dos períodos, cumpriram os professores supostos programas, fazendo um arremedo de marcha e repetindo os velhos movimentos de ginástica que aprenderam nas escolas normais. Os exercícios analíticos continuaram a ser aplicados, aproveitando-se o domínio dos sistemas de ginástica do século passado e a falta de espaço nas escolas.

Os referenciais teóricos analisados demonstram a importância de locais amplos, variados com tempo suficiente para se atingir o desenvolvimento motor dos educandos, além dos aspectos cognitivo e afetivo. Mas o que se viu sempre foi a inadequação do espaço e redução do tempo dos alunos nas escolas, enfim, entre meios e fins.

Sugestivas fotos publicadas em 1946 sobre dois flagrantes da Escola Normal Caetano de Campos em 1906 e 1946 e em 1991 de uma escola de 2o. grau ilustram ainda mais a improvisação dos locais para a educação física desde o começo do século até a atualidade onde se nota que uma adaptação do pátio do recreio consegue obedecer às medidas de uma quadra de voleibol e enquanto algumas alunas

Universidade Mackenzie.

realizam uma determinada atividade, as outras assistem. E porque nas escolas se privilegia alguns em detrimento de outros? É simples: não há espaço nem tempo para todos!

Conclui-se também que a escola pública atual é a mesma do início do século XX com algumas adaptações.

Apesar de, teoricamente, todos os educadores da época defenderem maiores espaços e tempo de atividades, na prática nada se realizou. Ao longo do tempo se assistiu a uma representação onde os professores "fingiam" atingir objetivos e os alunos "faziam de conta" que se desenvolviam.

Alguns poucos privilegiados conseguiram um bom desenvolvimento nos clubes esportivos e associações, iniciando a prática de localizar nestas instituições o local próprio para a educação física e o desporto.

E sobrou para a escola, principalmente para a pública, os períodos de lazer, de higiene mental, onde os alunos desfrutam de não mais do que um pátio, uma quadra e de alguns instantes semanais em companhia de um profissional com conhecimentos mínimos na arte de "tomar conta" Neste aspecto a legislação da educação física em todas as épocas sempre se mostrou incoerente com a base de conhecimento sobre a educação da criança e do adolescente. Embora se reconhecesse a necessidade de tempo suficiente e locais próprios para as atividades, o discurso dos legisladores enfatizava a falta de recursos econômicos para atender o ensino público recomendado.

Assim sendo, recomendamos uma entre duas opções: primeira, mantendo os objetivos declarados até então para a educação física com a conseqüente modificação e ampliação das estruturas de espaço e tempo das atividades; ou mantendo as atuais estruturas com a modificação dos objetivos, não levando em consideração os aspectos de desenvolvimento motor satisfatório com prejuízos evidentes na educação integral da infância e adolescência. Recomenda-se, ainda, não fazer mais leis e decretos para serem descumpridos - e uma ação governamental no sentido de não se permitir a instalação de escolas como um negócio comercial e político, como se a educação escolar fosse sinônimo de um prédio com muitas salas.

Outro fator originário das primeiras décadas do século foi a acomodação dos responsáveis quanto às necessidades dos alunos. Deslocaram o "fazer" para o "assistir" da maioria em relação aos poucos praticantes de exercícios analíticos em demonstrações e competições esportivas. Por falta de condições de espaço e tempo deslocou-se os jogos e desportos para locais e filosofias distantes da escola, como atualmente se pretende colocar a educação física frente a um dilema: ou se ensina os esportes na escola para todos em condições satisfatórias de espaço, tempo e rendimento ou não existirá mais educação física, pois os modelos antigos não são mais aceitos em decorrência do novo comportamento social, político e econômico.